

## Retratos em Palavras: Alteridade, identidades e índice de oralidade em Barracão, de Sultana Levy Rosenblatt

Carmem Santana Santa Brígida Gomes<sup>9</sup> (UFPA)

### Resumo:

*A sociedade contemporânea sofre com a incapacidade de administrar uma coletividade que está pautada numa visão globalizada e que gera o embrutecimento das relações, os conflitos étnicos, religiosos e sexuais, a formação ética e a destruição do meio ambiente, sobretudo da Amazônia, resultando numa fragmentação de tudo, inclusive do homem. Buscando mostrar uma Amazônia distinta do foco comum que é sempre vista: turística, envolvente pelo seu misticismo ou pela “primitividade” do seu povo, como se fosse algo sobrenatural, este estudo investiga, em Barracão, de Sultana Rosenblatt, a alteridade, a identidade e os índices de oralidade como marca da diversidade cultural e da pluralidade discursiva, constituídos pelo romance em questão. A intenção é mostrar a região vista de dentro, num contexto universal com as marcas do “local”, desnudando uma Amazônia cuja pluralidade ainda está em movimento.*

**Palavras-chave:** Alteridade, oralidade, cultura, identidade, Amazônia.

### Introdução:

O presente texto é resultado das pesquisas que ora desenvolvo sobre a obra de Sultana Levy Rosenblatt, escritora paraense, falecida em março de 2007, aos 96 anos – Virgínia, Estados Unidos –, expressão da literatura paraense, ainda anônima para o grande público atual, embora não o tenha sido para os leitores de sua época. Por isso, antes de tratar os assuntos pertinentes neste artigo, vale uma breve apresentação desta que merece reconhecimento pela contribuição à arte literária brasileira, posto que, seus romances, novelas, contos, peça de teatro, crônicas e ensaios retratam os múltiplos espaços que se referem ao Homem, principalmente, no contexto da Amazônia.

Nascida nesta ensolarada “cidade das mangueiras”, em 30 de julho de 1910, de origem judaica, Sultana Levy – nome que a consagrou antes de se casar com o jovem norte-americano Martin e se tornar Rosenblatt – pertencia a uma tradicional família judia da sociedade belenense: os Levy, cuja história ela perpetuou em um ensaio publicado na revista Morasha intitulado “Como viemos parar na Amazônia” (Edição 30 - Setembro de 2000).

Sua história com a literatura começou ainda no curso de humanidades durante o ensino secundário. Aplicada, estudou com esmero as línguas inglesa, francesa e espanhola. Todavia, tanto dedicação tinha uma razão particular: a literatura. Adorava ler, escrever e era “encantada” pelos causos que ouvia dos pares com quem convivia. Estudou literatura portuguesa e enveredou também pelas teias da Psicanálise, das Belas Artes e ainda estudou Cirurgia Plástica. Paralelamente aos estudos e às pesquisas, Sultana Levy Rosenblatt sempre buscou a máquina de escrever. Em 1933, após terminar os estudos intensivos de psiquiatria, ainda influenciada leitura das obras (completa) de Sigmund Freud, escreve seu conto de estréia: Boneca de Vitrine (1947) e seu primeiro romance: Uma Grande Mancha de Sol (1951) entre outros, também escritos sob a égide da psicanálise freudiana.

Em Porto Rico, para onde se mudou, em 1949, por exigências da profissão do marido (meteorologista do exército norte-americano), estuda Cirurgia Plástica e o folclore porto-riquenho, donde advém sua única novela: A Outra Cara (1949), considerada por Clóvis Meira (1990) “uma espécie de Dorian Grey imaginado por outros meios e por idéias novas”, o que marca na sua trajetória de escritora um misto de ficção e realidade. Sultana não exerceu a profissão de cirurgia

plástica, apesar do largo conhecimento a respeito. De profissão foi, além de escritora, professora de inglês, francês, espanhol e literatura portuguesa. A partir das pesquisas e das experiências vividas naquele país, Sultana escreve seu segundo romance: *Chavito Prieto* (Pongetti - Rio, 1957). Nele, percebe-se uma escrita mais madura, com registro do meio, dos costumes e hábitos daquela cultura, por isso foi considerado por alguns críticos paraenses<sup>1</sup> daquela época como um romance regionalista, pois dele emanam, não só as questões sobre discriminação racial, como também os costumes e as tradições porto-riquenhas. Em 1958, morando em Honduras, inicia pesquisas sobre toda a Região Amazônica (não só a brasileira), agora, porém, sob uma perspectiva de quem está de fora – e ao mesmo tempo de quem viveu grande parte daquela Região. Assim, nasce, em 1959, **Barracão**, seu terceiro romance e objeto deste estudo, cuja recepção propiciou uma segunda edição em 1963, publicado pela editora Leitura e com prefácio do nosso estudado Dalcídio Jurandir, o qual escreveu:

Com “**Barracão**” volta a escritora paraense ao seu chão, à sua gente, devotada que sempre está àquela paisagem e àquela humanidade na Amazônia. Sultana vive ausente do Brasil sem perder nunca a presença do Pará, dos selvagens lugares de sua infância, tudo apaixonadamente guardado na sua memória, na sua saudade. [...] A autora é bem paraense no descrever, no usar a linguagem, no “estoriar” sua terra e seus parceiros de lá.[...] **Barracão** reafirma os excelentes dons de ficcionista, o seu empenho em transmitir, com veracidade, através de uma experiência bem amadurecida, uma visão da Amazônia ali meio ou toda abandonada, ainda no seu primeiro dia de criação, onde tanto se espera. (JURANDIR, 1963, p.08)<sup>2</sup>.

Durante anos a escritora preferiu dedicar-se a escrever contos e crônicas, publicando-os tanto nos jornais do Pará como nos do Rio de Janeiro. Só em 1978, ocorreu-lhe recuperar algumas páginas rabiscadas há anos e que ainda esperavam, pacientemente, vir à luz: terminado o inverno, também estavam finitos dois livros que havia esboçado ainda em 1948: apresentados pela editora Grafisa, em 1980, chegam aos leitores “*Reviravolta*” e “*As Virgens de Ipujucama*”, rendendo a seguinte observação:

O que encanta no romance da escritora conterrânea é a leveza do seu estilo irmanada à perfeita correção vernacular que ela, nos seus longos anos de manejo diuturno da língua inglesa não permitiu que existisse qualquer influência na sua maneira de escrever. Não somente Sultana pensa como brasileira como escreve à maneira brasileira. (MALATO, 1990. p.32)

Além dos estudos de Belas Artes – o que lhe rendeu, nos anos 60, “*Amizade e Gelo entre Cézanne e Zola*” (revista Espaço, de Líbero Luxardo) –, ainda estudou sobre a invasão Holandesa para a peça histórica “*A Visita de Sua Alteza, o Príncipe*” (Grafisa, Belém, 1999) e fez estudos sobre a arte religiosa, de cujo resultado temos “*Goya e o Mito da Duquesa de Alba*” e “*Centelha Divina*”, ainda inéditos.

Sultana Levy Rosenblatt, apesar de vivenciar cotidianamente os hábitos, particularidades e costumes dos lugares por onde morou – Caraíbas, Porto Rico, Honduras, Virgínia – não permitiu que essa diversidade de ambientes e idiomas contaminassem seu vernáculo português, antes, soube dispor com maestria os múltiplos “falares e olhares” das culturas por onde passou. Faleceu em 24 de março de 2007, aos 96 anos, em McLean – Virgínia, Estados Unidos. Porém, deixou-nos um legado literário que se pretende firmar em lugar merecido, como justa foi a recepção de seus livros

<sup>1</sup> Dentre os quais Clóvis Meira (1990) e João Malato.(1990)

<sup>2</sup> Apud. ROSENBLATT, Sultana. **Barracão**. Ed. Leitura, Rio de Janeiro, 1963, p.08

em épocas d'outrora, como escreveu Cícero Romano (1978) <sup>3</sup>: “Seu espírito, sua visão, sua profundidade de observação, estão patenteados na obra magnífica que Sultana nos ofereceu”.

Embora a recepção do texto literário seja diferente entre um período e outro, haja vista as experiências adquiridas, inclusive em outras leituras, cada geração começa a sua vida num mundo de objetos e fenômenos criados pelas gerações precedentes e se apropria das riquezas culturais produzidas nas diversas formas de atividade social. Assim, embora permaneça esquecida, vale a pena uma visita à produção literária de Rosenblatt, cuja escrita contribuiu ao exercício da literatura brasileira, como diz Clóvis Meira:

Apesar de volumosa a bagagem literária de Sultana, toda ela ou quase toda, voltada para a literatura brasileira, para o folclore paraense e da Amazônia, não tem recebido o destaque que merece como escritora da terra de José Veríssimo. A ausência, ausência muitas vezes prolongada, a falta ou escassez da convivência diária com os escritores e poetas da terra, talvez a tenham feito se distanciar (MEIRA, 1990. p. 268)

Esse “anonimato” aparente, não inibiu que a escrita de **Sultana Levy Rosenblatt** fosse esquecida. Ela viveu os áureos louros de sua escrita, por isso, merece que não se perca essa lembrança. Inédita para muitos, teve a honra de ter seus livros lidos por leitores de diferentes gerações, como as de hoje, por mim representada, prova de que sua escrita não se perdeu com o tempo. Foi uma escritora expoente não só no seu tempo porque tem em suas narrativas a presença de seu chão, como escreveu Dalcídio Jurandir no prefácio de **Barracão**:

Sultana vive ausente do Brasil sem perder nunca a presença do Pará, dos selvagens lugares de sua infância, tudo apaixonadamente guardado na sua memória, na sua saudade. [...] A autora é bem paraense no descrever, no usar a linguagem, no “estoriar” sua terra e seus parceiros de lá. (In: ROSENBLATT, 1963. p. 08)

Segundo Milton Santos (2002), estudar uma região significa penetrar num mar de relações, formas, funções, organizações, estruturas etc., com seus mais distintos níveis de interação e contradição. Daí a escolha do romance **Barracão**, pois nele estão latentes não apenas esses aspectos, como também os discursos que têm apresentado um dilema exposto pelo paradoxo regional/universal – com suas variantes local/global, nacional/universal, regional/nacional, periferia/centro, etc. –, promovendo discussões que têm sido projetadas e (re) significadas numa dimensão que denuncia desconstruir a também a noção de identidade, como o foi a de sujeito, agora multicultural<sup>4</sup>.

## **1- 1º Retrato: Barracão, Literatura e História<sup>5</sup>: “quem vive de passado é museu”**

A literatura tem discutido há tempos sobre as questões que envolvem a modernidade. Acontece que a ciência não acompanha a arte e, como esta não objetiva sistematizar, a ciência finda por fazê-lo por outros caminhos. Não se tem, por exemplo, a História Nova (atenta às relações entre presente e passado) como uma busca de originalidade. Ela é original dentro do campo científico, da História. Porém, no campo artístico, a literatura já antecipara isso ao fazer uma nova leitura sobre os países colonizados, por exemplo. A literatura tem trazido, há tempos, a possibilidade de estudar essa História que se coloca hoje como nova: os modernos já haviam feito, no campo artístico, críticas à

<sup>3</sup> Apud. ROSENBLATT, Sultana. **As Virgens de Ipujucama**. Belém: Grafisa, 1978.

<sup>4</sup> Segundo Stuart Hall (2002) são três as concepções de sujeito: **o iluminista** – baseado numa concepção unificada cujo centro é o núcleo interior; **o sociológico** – cuja identidade se forma numa interação entre eu e a sociedade e **o pós-moderno** – pautado na fragmentação, composto não de única, mas de várias identidades, um sujeito multicultural.

<sup>5</sup> A História grafada com H (maiúsculo) refere-se à factual.

catequese, à imitação do europeu, à colonização, etc., ou seja, a História está vivenciando no século XX e XXI o que a arte já vivenciou no século XIX. A partir da leitura de Kramer (1992), entendemos que essa possibilidade de estudar a história considerando o passado e o presente por meio da narrativa, é construída num diálogo entre a História e a Literatura, a Crítica Literária e a Cultura. A arte, nesse caso, é colocada como possibilidade não somente como uma referência de estética, mas no sentido de ser uma manifestação dentro da sociedade, pois sendo a Literatura produto estético, expressão do ficcional, é também a experiência de um sujeito que se comunica com o mundo, isto é histórico, social e cultural, fato que é bem marcado em **Barracão**:

A festa de Nazaré era a grande promessa. Os arcos, já levantados, [...] lâmpadas não estavam escassas; bem próximas uma da outra, formavam guirlandas coloridas, de mangueira a mangueira; davam voltas irradiantes sobre as cúpulas de coretos, que pareciam reis ostentando a coroa mais brilhante; subiam em alacridade pelas paredes da Basílica. [...] Estreava roupa da cabeça aos pés [...] o que achava bonito era todo mundo vestir roupa nova [...] nem que fosse gente pobre, estava de novo, desde os sapatos até a carteira. [...] Ora, vigiem, lá iam subir na roda-gigante; – Mas t'á uma coisa que eu gosto, essa roda; ver lá de cima a iluminação, e gente que nem formiga, é lindo de verdade. (ROSENBLAT, 1963. pp. 44-45)

É uma narração reveladora de um comportamento social que ultrapassa os limites geográficos e culturais<sup>6</sup> porque os que vivem em Belém, tanto quanto os que vêm do interior do Estado – e até de outros lugares – também se preparam para essa festa, é Cultural-Histórico: há fatos que podem ser Históricos, mas não necessariamente culturais, entretanto um comportamento relacionado com a cultura pode se tornar Histórico. Portanto, Sultana Rosenblatt, ao descrever a festa do Círio de Nazaré por meio do narrador de **Barracão**, além de fazê-lo a partir da sua vivência (história), transforma o relato de uma realidade numa narrativa e ainda traz à memória a lembrança de um tempo passado que, pela presença do imaginário, reproduz uma “verdade histórica”: a festa do Círio de Nossa Senhora de Nazaré.

Vale ressaltar que, conforme Costa Lima (1986), na História o documento tem representatividade, é valor: a interpretação feita do documento depende da articulação de quem o lê; na Literatura o documento não diz o que é a obra, isto é, a obra independe da história de seu autor, mesmo considerando as influências históricas que o mesmo recebe. Explique-se que não se trata de um documento da sociedade, mesmo quando a obra, como **Barracão**, apresentar lastros “documentais” daquela sociedade, como se lê sobre as práticas políticas que ainda hoje são recorrentes:

Por várias semanas, o assunto importante era a colação de grau. Só foi esquecido quando a epidemia política invadiu o bairro da Conceição. Ali vinham os representantes dos partidos fazer propaganda, em carros com alto-falantes, afixar cartazes, e pendurar faixas com suas divisas. Realizavam reuniões, promoviam passeatas, abriam postos eleitorais, criavam rivalidades entre bairros, entre vizinhos, [...] Até a professora Carmina rompeu seu alheamento cheio de dignidade, resolvendo dar um curso intensivo de alfabetização, a fim de conseguir eleitores para seu partido [...] No dia da eleição estava ainda doente mas assim mesmo, seu Zeca que era seu correligionário, levou-a no seu carro, para não perder o voto. [...] Mal foi proclamada a vitória do partido vigente, as vinganças e revides entraram em ação. (ROSENBLATT, 1963. pp. 64-68)

---

<sup>6</sup> Em alguns momentos será utilizado o termo cultura para firmar a História da sociedade.

No ficcional não há a obrigatoriedade com a realidade, ou seja, a correspondência entre o que está escrito e o que é real, mas há essa correspondência entre o ficcional e o factual, posto que a partir de nossa escrita (pela literatura) podemos ter outra História. Nesse caso, toda obra de ficção é um documento: está registrado.

Com efeito, um dos aspectos de análise desse processo, por exemplo, revela uma leitura de mundo que partindo da observação do local alcança uma feição plural: a história (ou o conflito) que acontece com o homem na Amazônia ultrapassa as fronteiras de um rio, de uma floresta. Por isso, o diálogo entre local e universal será constante nesse horizonte discursivo – considerando que, segundo Silviano Santiago (1989), a cor local foi um critério para se reconhecer o universal (escrever sobre o índio, o sertanejo, o caboclo, o tropicalismo, etc.). Todavia, esse critério universal deve ultrapassar o olhar do colonizador. Em **Barracão**, esses aspectos não se resumem num “simples regionalismos” ou “biografismos” como se diria outrora a respeito da literatura de autoria feminina.

Podemos inferir, então, que a Amazônia vive uma condição pós-modernidade porque é uma referência recorrente num campo de conhecimento científico-tecnológico que tende a contribuir também para as nossas relações culturais, embora ainda não tenha alcançado a etapa histórica da modernidade, assim como a América Latina: moderniza-se o campo, atinge-se o mercado internacional, porém o campo social ainda não evoluiu<sup>7</sup>. Na modernidade respeitam-se as instituições (as leis); na tradição se respeita o sujeito (o pai, o irmão mais velho, o padrinho, etc.). Como não se respeita nem um, nem outro, hoje, vive-se numa praticidade individual.

## **2- 2º Retrato: Barracão, alteridade e identidade: quem cala consente.**

Quantos anos haviam passado! Tornara-se independente, era quase mãe de professora, e no entanto, nesse momento, voltava a ser a mesma Eulina, a criada da casa, humilde, diante da patroa que ralhava. Tudo porque ia se ver face a face com o coronel, e a essa idéia, o temor que lhe tinha antes, e de que não se libertara, fazia com que se sentisse como outrora, tímida e assustada, mais covarde à proporção que se aproximava o momento acariciado de dizer-lhe: – Minha filha vai se formar de professora, quero que o senhor a paraninfe. Ensaicara tanto, e sabia que, como antigamente, não poderia levantar os olhos diante dele. Nunca os pudera. (ROSENBLATT, 1963. p.20).

O processo moderno globalizante, de certa forma, desencadeou o drama da solidão dos homens. O Homem se isolou frente à tragédia cotidiana: vivemos presos às nossas vontades e ao nosso ego, cujo resultado é a idéia de que o individuo se emancipa, porém essa é apenas uma ‘idéia’, porque na medida em que não se percebe o outro como outro e a diferença do outro em relação ao sujeito, não se é capaz de atingir a cidadania – ou o resgate dessa condição – e o exercício da alteridade. Mas o que é alteridade? Segundo Frei Beto:

É ser capaz de apreender o outro na plenitude da sua dignidade, dos seus direitos e, sobretudo, da sua diferença. Quanto menos alteridade existe nas relações pessoais e sociais, mais conflitos ocorrem. A nossa tendência é colonizar o outro, ou partir do princípio de que eu sei e ensino para ele. Ele não sabe. Eu sei melhor e sei mais do que ele.<sup>8</sup>

<sup>7</sup> Temos as escolas, mas não temos professores (principalmente qualificados); tem-se a estrada, mas não se tem o asfalto, nem o esgoto; tem-se o posto de saúde, mas faltam médicos e equipamentos, etc.

<sup>8</sup> [www.adital.org.br/site/noticia](http://www.adital.org.br/site/noticia). Consulta em: 02 de fevereiro de 2008

A inteligência brasileira, conforme explica Silviano Santiago (1982), produz a realidade a partir da cópia da Europa. Dentro dessa perspectiva etnocêntrica a experiência de colonização será narcísica, impedindo a presença ou a participação do outro. Esse é um espelho do colonizador, no qual ele próprio projeta sua imagem. Logo, esse “outro” terá uma alteridade fictícia, alteridade que é a imagem refletida do europeu: o nosso índio, pois, é representado na nossa literatura cumprindo essa imagem refletida. Santiago (1982), nesse contexto, “brinca” com esse ‘outro’, pois que ele é muito mais duplo que propriamente o outro. O duplo implica dizer uma semelhança exata do original. No caso do índio, essa é uma cópia ‘mal-pensada’. Tratando-se da Amazônia, “pintam-na” como se a região se limitasse a um espaço único (vale lembrar que a Amazônia brasileira não se restringe ao Estado do Amazonas); como se fosse apenas fauna e flora, desabitada ou, quando há gente, ainda é a imagem do índio que se dispõe, quando muito, a do ribeirinho, sempre ligado ao rio. Os quilombolas, os litorâneos, “as gentes” da colônia, do campo, os urbanos, etc. ficam de fora. Por isso, essa representação indígena ou cabocla da Amazônia continua sendo o outro, mas sem sua alteridade. Em *Barracão*, esse aspecto assume outro contexto:

O assunto levantava discussões. Para o moço de olhos azuis, o caboclo era mal compreendido e caluniado. Era principalmente explorado e sua maneira de agir sem interesse, sem ambição, correspondia à reação natural do homem desiludido. “Ora, bem se vê que o senhor não é daqui. Caboclo tem preguiça até de falar; pode passar horas ao seu lado, sem lhe dizer palavra” – “Pois é o senhor quem se engana – revidava o louro – eu conheço muito bem o caboclo; ele como anfitrião é acolhedor, simpático, prosista, prestativo; como hóspede, é retraído, cerimonioso, respeitador; [...] pode passar uma hora ou mais calado [...] mas não perde um detalhe do que ocorre em volta, para relatar [...] tudo o que viu e ouviu, porque no seu meio ele é outro”. (ROSENBLATT, 1963. p.114)

O caboclo apresentado pelo “moço de olhos azuis” (o qual, na nossa interpretação, representaria o colonizador europeu) é construído na contra mão do discurso que mostra sempre o caboclo como indolente, estagnado num espaço. Deparamo-nos com um “colonizador” que descreve o caboclo diferente desse espelho. É, por assim dizer, uma inversão de postura acentuada pela romancista.

No eixo ficcional, Sultana Rosenblatt apresenta, em **Barracão**, uma personagem cuja “voz” (sentimentos, desejos e esperanças) só é percebida por meio da voz do “outro”, talvez numa apologia às vozes caladas que estão à margem do discurso homogeneizador acerca da região: Jóia não tem voz, não fala. Tudo o que se sabe sobre ela, parte do discurso do narrador e do proferido pela mãe, pela professora ou pelos outros personagens. É a voz do outro que fala, como se lê nos exemplos abaixo, respectivamente, a do narrador e a de Eulina (mãe de Jóia):

Um dia veio chorando, que dava pena; diante de todos os colegas, uma professora a humilhara dizendo – “Você é inteligente, mas o meio em que vive não ajuda” – meio da pobreza, de gente que lutava para viver, mas muitos de categoria. (pp. 33-34) ( voz do narrador)

Jóia dizia que não precisava nada, que o que valia era receber o diploma, e tanto fazia com festa como sem festa. A filha era assim, se conformava com tudo, porém ela não, tanto que sonhara, tanto que se matara para que Jóia brilhasse como as outras. (p.53) (voz de Eulina)

Ironicamente, é na margem (a do rio) que a personagem ganha voz e expressa seu desejo, como se assumisse o papel dos marginalizados em relação ao discurso do dominador, num momento extremo: **Jóia** representaria as periferias que só têm direito à voz quando tudo já não tem

valor. E a vida seria o espaço dos que estão à margem (seja o sujeito, seja a região, nesse caso a Amazônia):

O convés em que se achava Jóia, já havia sido invadido pelas águas. Porém ela não estava só [...] – Dê-me a mão, minha filha. – falou o sacerdote com voz trêmula de emoção. – você tem o dever de defender a vida que Deus lhe deu. – Já não me interessa a vida – **respondeu ela** fitando-o dolorosamente. (p. 163)

Eis a única ação em que assistimos à manifestação de uma idéia verbalizada, ‘oralizada’, ‘falada’ pela personagem – grifada pelo verbo ‘responder’ e pelo pronome pessoal ‘ela’ –, cujo percurso, durante toda a narrativa, parece ser uma tentativa de reconhecimento posto na fala ou ‘voz do outro’, ou dos outros, principalmente da mãe. Também na Amazônia, a identidade é assim: no momento em que se dão as oportunidades já “não interessa mais”.

Desse modo, os esforços de Eulina são sempre em função da filha que sofre, assim como a mãe, as ‘brutalidades do homem e do mundo’: Jóia, ao redor da qual se desenvolve toda a narrativa, não tem voz, não fala; a Amazônia também não. São sempre os ‘de fora’ que falam por ela, sempre vista como extraordinária, exótica, mítica, marginalizada, como se fosse um círculo em que a modernidade não conseguisse imprimir suas digitais, e vivesse arredia à “civilização”. Nosso desafio, pois, é propor um discurso em que se referencie uma comunidade de alteridade, que seja uma alteridade não só em relação ao indivíduo, mas também ao espaço social, cultural e geográfico de uma região, em que a palavra ‘mistura’ possa ser recorrente, para dar conta de nossa herança histórica.

Segundo Grunzinski (2001) à globalização proliferam fenômenos que confundem nossas referências habituais: ‘misturas’ de culturas do mundo, multiculturalismo, recuos identitários sob formas que vão desde a defesa das tradições locais até as expressões mais sanguinárias de xenofobia e purificação étnica.

Com efeito, a mistura não apenas biológica, mas também de culturas cobre fenômenos díspares e situações extremamente diversas que aparecem tanto na globalização como nas margens menos vigiadas. Logo, essa mistura não é um fenômeno isolado da América Latina, ela ocorre no mundo todo, promovendo uma abertura que permite à identidade se diluir no macro, gerando o que Stuart Hall (2002) chama de crise de identidade. Em **Barracão**, essa ‘crise de identidade’ está sugerida na passagem em que Álvaro, chegado do Rio de Janeiro por ocasião do falecimento do pai, fala da pretensão de vender o Jananaira (sítio onde se localiza o Barracão) para voltar à cidade carioca, pois as diferenças de ambiente, de culturas e “das gentes” foram profundamente sentidas por ele. Convencido a ficar no sítio, na primeira oportunidade partiu para Belém, já que estava impossibilitado de voltar ao Rio. Porém, também estranhou o lugar e voltou ao Jananaira, causando-lhe certa ‘crise’:

Os meses corriam, e a viagem era sempre adiada, embora Álvaro não deixasse de afirmar que abandonaria o Jananaira e tornaria aos seus estudos [...] Um dia decidiu-se [...] Chegou a Belém com o coração em festa, cantando, qual um desterrado que retorna à pátria. Mas apenas pisou em terra, estranhou. A cidade dava-lhe a impressão de haver desenvolvido, alargado [...] Sentia morrinha, um mal-estar constante, um desequilíbrio entre sua pessoa e o ambiente. Faltava-lhe o ar puro e a vida descuidada do sítio, e, malgrado seu, desejava a paz do Jananaira. [...] O barracão venceu. (ROSENBLATT, 1963. p. 87)

Eis que a modernização contamina as zonas isoladas e provoca resistências. Segundo Angel Rama (2007), há certa resistência por parte da cultura que recebe o impacto de uma cultura externa, porém, esta resistência se traduz em atividade criativa que transforma ambas as culturas e permite a

criação de novos valores. O debate entre o regional (isolado) e o regional modernizado em relação às cidades (também modernizadas), presente nos escritos de autores como Freire, Ribeiro, Juan Rulfo, conforme Rama (2007), também pode ser percebido no texto de Sultana Rosenblatt: **Barracão**, na passagem em que Álvaro tenta compreender as razões por que seu pai ficou no Jananaira, reflete esse debate, como se lê abaixo:

Nhá Isidra farejando ladainha ou quarto de defunto [...] Cristão dando exemplo da Bíblia, muitos inventados por ele. Caboclo entrando, caboclo saindo, cuspidno no chão saliva de cachaça e de tabaco mascado, pedindo *me fie*... Como o pai pudera se habituar àquilo! Como! Como pudera coabitar com nhá Isidra, mulher que, segundo Cristão, tinha parte com o demônio, e virava matinta perera. Deus do Céu! E Santa... ele também ... Santa quase analfabeta, falando errado ... (p. 86)

Compreender o ser enquanto ser é possibilitar a alteridade. Aceitar o lugar também. O choque das conquistas, apresentado por Grunzinski (1990), e presente na narrativa (a conquista do espaço – Jananaira), não conseguiu secularizar a maneira de ver o mundo, mas abalou certos hábitos arraigados no tempo, semeando a dúvida e a ambigüidade, confirmando as perdas de referências e de significações, resultando num déficit constante, pois não eram “culturas” se encontrando, mas fragmentos de Europa, África e América, como se lê nessa passagem de Barracão:

Um verdadeiro fidalgo metido naquelas brenhas. Viajou por todas as estranhas, e cortava o inglês como um míster. Na sua mesa, tudo era lindo, porcelana, cristal, prata e estivessem apenas ele, a esposa e os dois filhos, pelo menos doze talheres deviam estar dispostos para os prováveis comensais. Rede dela era armada com corrente de ouro, e no chão sempre uma escrava embalando-a. [...] Cantava, tocava violão, tocava bandolim, rodeava-se de pássaros, colecionava borboletas. [...] à hora de morrer ordenou: – “Não quero que o Jananaira caia na mão de estranhos; que nem um só pedaço desta terra seja vendido” – Seu Nilo foi quem ficou vende-não-vende pois viera para o Jananaira homem feito e não conseguiu acostumar-se; de malas arrumadas para ir à Europa, de repente mudou de idéia e foi ficando ... (ROSENBLATT, 1963. p. 77)

### **3- 3º Retrato: Barracão, índices de oralidade, regionalismo: “cada macaco no seu galho”**

Às “misturas” também estão direcionadas as falas e o escrever de cada cultura. Hoje, é indiscutível o fenômeno do “idioma planetário”. Nele observamos a linguagem de identificação das novas elites internacionais, cosmopolitas e ecléticas, que vivem de empréstimos às culturas do mundo, contrapondo-se ao discurso acerca da homogeneidade lingüística, inclusive, como marca de identidade nacional. No romance em questão, por exemplo, há não só um deslocamento geográfico (Belém – Jananaira/Barracão – Belém), mas também de falares, permitindo a mistura de culturas e identidades, manifesta numa espécie de amalgama lingüístico na construção da narrativa: o discurso formal (professora Carmina e a do próprio narrador), o informal (Eulina e vizinhos) em consonância com a “linguagem regional”, do caboclo (Isidra, Santa, e outros) formam um conjugado de “linguagens” que não comprometem o valor estético da narrativa:

Quando D. Júlia transferiu-se para a cidade com os filhos, **a fim de os** educar, trouxe Eulina **consigo**, como parte dos agregados e xerimbabos que vieram fazer da casa da Cidade Velha um prolongamento da de Ingaúba. No dia de “ocasião”, era o mesmo entrar e sair de caboclos que se via no Ingaúba quando a lancha partia para Belém [...] (p.17) (voz do Narrador)



– Tome um mingauzinho de tapioca que **lhe trouxe**. D. Rosa, esposa do senhor Abdon **mandou-o** para mim, mas a tapioca me dá azia; **trouxe-o** para a senhora que precisa alimentar-se. Tome, vamos, tenha ânimo. (p. 26) (voz da professora)

(Diálogo entre Eulina e Zita- nível informal):

- Madrinha, enquanto seu mingau?
- Me deixe quieta, Zita.
- **'Stava** dormindo?
- Tava **maginando**, me deixa, já disse.
- Mas madrinha tem que se alimentar.
- **Ara hum** ... vai tu comer, se tu tem fome, me deixa em paz. (p. 30)

Não é uma narrativa construída a partir de um discurso que busca a valorização de uma língua nacional homogênea, tão pouco uma “língua particular”. Percebe-se que há uma convivência pacífica desses falares, revelando a pluralidade lingüística presentes na região: os índices da oralidade, os formalismos da língua padrão e as particularidades da linguagem pertinentes à “gente do interior”, sem apelar para o “regionalismo ufano” e sem vulgarizar a língua tida como “nacional”, a romancista gera um regionalismo amadurecido, que não é caracterizado apenas por meio das marcas ou dos índices de oralidade, apesar da frequência no texto.

“...Vamos, vamos, nada de preguiça. **Achi!** Que **m’importo**” (p.10)

“Pra que **levá** ele pra Belém, **adonde** que tem **dotô** que se compare com mestre Vicente”. (p.38)

**Ara** pois!, **disque** que **coroné** chega hoje. (p.54)

**Tá bão**, não **t’esperta**, não abre olho... (p.139)

“Antes que falasse, imitava-a em pensamento – “Aquela num é a **canua** de **cumpadi** Chico?” – ou então – “Mas gentes, **num** se amassa **açai huje?**” – e mais tarde – “**Cum’antão, huje num** se serve de **comê?**” – conforme a hora era a pergunta.” (p.79)

Há o cuidado de não ter o lugar amazônico como lugar comum. Pela linguagem há, na prosa poética, a tradução acústica e plástica de uma paisagem em simbiose com as formas expressivas do homem amazônida. Para o texto de Sultana Rosenblatt, o falar do caboclo implica a catalogação e o exercício de pesquisa das formas discursivas com que o homem simples lida com questões existenciais complexas. Como construção de linguagem, o espaço rural constitui o espaço de afirmação das falas dos caboclos, dos desajustados, dos simplórios, dos que vivem à margem de um sistema ordenado pelas leis lógico-científicas. Ao reafirmar essas falas, como potencialidades de novos sentidos, Rosenblatt acaba por referenciar o papel do mundo Amazônico na escrita literária.

Estabelecendo uma relação entre os ambientes sócio-culturais, os “falares”, os cenários e os personagens, em permanente confluência com os conflitos pessoais e sociais do homem (seus anseios, medos, sofrimentos e alegrias) Barracão transmite, com certa veracidade, por meio de uma experiência amadurecida, uma visão da Amazônia bem plural, revelando aspectos do homem, comuns em qualquer lugar do mundo: como os preconceitos, a alteridade, a corrupção política, a luta dos menos favorecidos por um espaço na cadeia social, as tragédias provocadas por omissão dos governos, etc.

## **Conclusão**

A partir das colocações de Homi Bhabha (1998) em relação às margens da nação moderna, podemos inferir que esse projeto de uma Amazônia como margem de uma nação – nação de sujeitos dispersos, de diásporas e de uma rota migratória cultural – revela o espaço desse sujeito: espaço que

se modifica com o movimento desse deslocamento. Logo, será diferente desse discurso homogêneo que pensa a Amazônia como imaginária. Ressalve-se ainda que a Amazônia seja uma margem que se faz centro a partir de um discurso que constrói um espaço ambiental, físico de interesse do desenvolvimento econômico que ainda insiste no discurso homogeneizador em detrimento de uma leitura da identidade que se expressa fortemente no cruzamento de culturas, de etnias e de um movimento migratório não só de estrangeiros como também “das gentes” de outras regiões que trazem consigo suas identidades, culturais inclusive.

Assim, o discurso da cultura nacional não é tão moderno como parece ser. Ele suscita um ideal de unicidade, ou seja, construiu identidades que são colocadas de modo ambíguo, entre o passado e o futuro de forma unificada. A etnia é um dos argumentos que justificam essa unicidade, porém as nações modernas são híbridas, biológica, sociológica e culturalmente falando. Nossa identidade cultural está nas margens da Amazônia considerada como centro. Então, de um lado, tem-se o discurso homogeneizado sobre a região; por outro, ainda se tem ou se está querendo construir o discurso dialético capaz de pensar o sujeito, os espaços e a escrita (narrativa) das margens dessa Amazônia como comunidade imaginária.

Não se trata de defender uma cultura Amazônica sem marca, base, ou identidade, pois não se pode pensar essa escrita (narrativa) da Amazônia sem considerar o espaço cultural do ocidente, os aspectos relacionados a esse espaço cultural, a sua geografia, o local e o global, o particular e o universal. Nesse caso, um regional que seja ampliado para além das fronteiras

**Barracão** representa uma criação estética em que se constata as qualidades da ficcionista, reafirmando com justeza, seu labor nessa arte. As marcas regionalistas mostradas no texto não aparecem de forma banal, sem arquitetura ou ufanas, ao contrário, aparecem no sentido de, por meio delas, revelar as realidades plurais da região que são repletas de significados e que estão pontuadas nos personagens, nos cenários e na linguagem. Portanto, é um texto que traz uma temática universal, uma vez que é universal toda literatura que se assenta no valor humano. São valores que se farão presente em qualquer espaço, seja o de natureza geográfica ou cultural, pois que privilegia o homem na sua dimensão mais humana. Na verdade, conceber o texto como regional é mais uma questão metodológica. O que dá riqueza ao texto é o diferencial, o diversificado.

## **Referências Bibliográficas**

- [1] BHABHA, Homi. “Disseminação: o tempo, a narrativa e as margens da nação moderna”. In: *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- [2] GRUZINSKI, Serge. *O Pensamento Mestiço*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.
- [3] KRAMER, Lloyd S. Literatura, crítica e imaginação histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick LaCapra. In: HUNT, L. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- [4] LIMA, Luiz Costa. “Documento e Ficção”. In: *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- [5] MEIRA, Clóvis, ILDONE, José & CASTRO, Acyr (org). *Introdução à Literatura no Pará*. Volume IV. Belém: Cejup, 1990.
- [6] RAMA, Ángel. *Transculturación narrativa en América Latina*. Buenos Aires: Ediciones El Andariego, 2007.
- [7] ROSENBLATT, Sultana. *Barracão*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Leitura S/A, 1963.
- [8] SANTIAGO, Silviano. “Para além da história social”. In: *Nas malhas da letra*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.
- [9] SANTOS, Milton. *Metamorfose do espaço habitado*. 5ªed. São Paulo: Hucitec, 1997.

Referência eletrônica: [www.adital.org.br/site/noticia](http://www.adital.org.br/site/noticia). Consulta: 02 de fevereiro de 2008.

---

<sup>9</sup> Carmem GOMES, mestranda em Letras – Estudos Literários. Universidade Federal do Pará – UFPA. E-mail: julianahya @yahoo.com.br.